
TÉCNICA E ELEGÂNCIA: UMA ANÁLISE DO LIVRO COVA 312 POR SUAS CARACTERÍSTICAS INVESTIGATIVAS E LITERÁRIAS

Luísa da Rosa Miorando¹

Resumo

Este trabalho produz uma análise da obra *Cova 312* devido às suas características investigativas e literárias, com objetivo de identificar e compreender como interagem concomitantemente os elementos dos estilos jornalísticos. A análise se baseia nos autores Lage (2020) e Pena (2006), consultados para possibilitar o uso das características de cada estilo elaboradas por eles, jornalismo investigativo e jornalismo literário, respectivamente. A metodologia da pesquisa é a análise de conteúdo, sendo enquadrada no tipo descritiva. A amostra explorada são cinco capítulos selecionados do livro *Cova 312*, nos quais são localizados trechos que evidenciam a presença dos elementos de cada estilo. Os resultados proporcionaram uma ampla visão da amostragem, com trechos que evidenciam as etapas de uma investigação jornalística e certificam o corpus como tal. Em relação ao jornalismo literário fica evidente que sua maior contribuição está em demonstrar que é possível usar a linguagem literária e ainda assim exercer seu papel como defensor da sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Investigativo; Jornalismo Literário; Livro-reportagem.

1 Introdução

O livro-reportagem é um produto único, capaz de reunir gêneros e formatos distintos e produzir a partir desta união um produto diferenciado dos jornais diários, aprofundado e perene. Esta pesquisa se interessa exatamente por essa mescla entre a linguagem narrativa da literatura com a investigação jornalística. O valor da combinação entre literatura e investigação se dá na oportunidade de elaborar uma apuração árdua e comprometida com a verdade e ainda assim poder retratá-la com as elegantes palavras da literatura.

O presente trabalho pretende examinar elementos de construção da narrativa, de que forma as características dos gêneros investigativo e literário se complementam ao longo do texto, confeccionando uma trama que resulta em uma investigação narrada de forma literária.

Pretende-se, ao realizar esta pesquisa, colaborar para o estudo dos gêneros incorporados no livro e motivar a realização de leituras e análises de livros-reportagem. A metodologia a ser utilizada na pesquisa é de análise de conteúdo, com pesquisa descritiva do objeto possibilitada pelas características elaboradas a partir de Lage (2020) e Pena (2006).

O objeto da pesquisa é o livro *Cova 312* escrito pela jornalista Daniela Arbex após uma série de reportagens produzidas pelo jornal Tribuna de Minas, sobre indenizações do estado para pessoas que sofreram torturas no regime ditatorial. O livro foi lançado em 2015

¹ Acadêmica do curso de Jornalismo e editora de vídeo no Grupo Center Color. E-mail: miorandoluisa@gmail.com

com 19 capítulos ao todo. O prefácio da obra foi escrito pelo jornalista Laurentino Gomes, o qual elogia o trabalho de Arbex ao escrever que “[...] a escritora e jornalista Daniela Arbex, mostra que a boa reportagem continua viva, atraente e transformadora como sempre” (COVA 312, 2019, p. 10).

Os estilos de escrita encontrados no texto obrigam um recorte ao objeto. A redação em forma narrativa, que compõe a maioria dos capítulos da obra, não possibilita identificar as etapas da investigação jornalísticas, enquanto a redação em primeira pessoa, utilizada pela autora para relatar seus passos durante o processo de investigação, é a escrita que possibilita a percepção das etapas de investigação segundo Lage (2020). Por isto os capítulos onde a escrita em primeira pessoa predomina são os selecionados para análise. O corpus enquadra cinco capítulos selecionados por também apresentarem concomitantemente as características sugeridas pelos autores principais deste trabalho. Desta forma os capítulos um, seis, 17, 18 e 19 são analisados em profundidade.

A pesquisa bibliográfica é dividida em três partes: a primeira, “Jornalismo Investigativo: a procura por justiça nos fatos”, onde é apresentado o conceito desse tipo de produção a partir de Lage (2020); a segunda, “Jornalismo Literário: apuração e sensibilidade ao reportar”, seção na qual o estilo literário é explanado, e para este o principal autor é Pena (2006), com suas características do gênero literário; e por último “Livro-reportagem: a harmonia das palavras imperfeitas”, abordando o tema com fundamentação de Lima (2009).

A seguir é apresentado a metodologia utilizada, a análise de conteúdo. Os resultados estão indicados no capítulo análise e, concluindo a pesquisa, os comentários estão registrados na seção de considerações finais.

2 Jornalismo Investigativo - a procura por justiça nos fatos

O jornalismo investigativo é o campo da comunicação que se dedica às investigações de fraudes, desvios de dinheiro público, injustiças ou toda e qualquer trapaça contra alguém ou um grupo de pessoas. Conforme Nascimento (2010) muitos profissionais da área afirmam que jornalismo investigativo não existe e alegam que o termo “[...] implicaria um pleonismo ou uma redundância, já que todo o jornalismo precisa investigar, pois, se não fizer isso, não será jornalismo” (NASCIMENTO, 2010, p. 9).

Por sua vez, Nascimento (2010) alega que ouvir declarações, fazer perguntas e redigir um texto não é investigação e considera então que “[...] seria necessário concluir que quase

100% das matérias publicadas todos os dias pelos jornais e veiculadas em notícias de rádio e televisão não são matérias jornalísticas” (NASCIMENTO, 2010, p. 9). O autor explica que em um mundo ideal todo jornalismo seria investigativo e se assim fosse “[...] o jornalismo investigativo provavelmente nem precisaria existir” (NASCIMENTO, 2010, p. 9). Comprovando sua teoria de que o gênero investigativo existe Nascimento (2010) argumenta:

No mundo real, a maioria das matérias publicadas pela imprensa não são investigativas, mas ainda assim são matérias jornalísticas. Dessa forma, como só algumas matérias jornalísticas são investigativas, é fato que o jornalismo investigativo existe e se diferencia do jornalismo diário e de outras formas mais comuns de se fazer jornalismo (NASCIMENTO, 2010, p. 9).

Considerando-se então que o jornalismo investigativo existe e é legítimo em sua atuação Rodrigues e José (2013) configuram a atividade de investigação jornalística como uma das responsáveis pelo furo de reportagem, ao considerar que “o jornalismo investigativo é o nome dado à prática de realizar uma reportagem desvendando fatos muitas vezes ocultos do conhecimento da sociedade” (RODRIGUES; JOSÉ, 2013, p. 1).

Sequeira (2005) conta que da mesma forma que o interpretativo, o jornalismo investigativo também surgiu como resultado da “[...] transformação das empresas jornalísticas em indústrias de comunicação [...]” (SEQUEIRA, 2005, p. 61). No entanto, mesmo os gêneros possuindo origem semelhante, se diferenciam “[...] pelo processo de trabalho do profissional, pelas estratégias que ele utiliza na fase de apuração” (SEQUEIRA, 2005, p. 62).

A autora diz que o jornalismo investigativo se tornou conhecido pela sociedade devido a seu papel como prestador de serviços, devido a sua atuação em “[...] reconstruir acontecimentos importantes, expor injustiças e, principalmente, mostrar os meandros da corrupção no setor público [...]” (SEQUEIRA, 2005, p. 61) e isto é o que o diferencia de outros gêneros.

Noronha e Rocha (2018) descrevem o jornalismo investigativo como um tipo de produto que requer mais esforço e empenho do repórter e alegam que estas atitudes estão em “[...] uma maior dedicação no levantamento de dados, entrevistas, observação direta, bem como na checagem e na rechechagem das informações [...]” (NORONHA; ROCHA, 2018, p. 4). As autoras complementam que pela grande exigência que se tem nestes casos é necessário também mais tempo para finalizar o conteúdo (NORONHA; ROCHA, 2018).

O tempo, a checagem e a rechechagem de informações e a busca por dados, são imprescindíveis a um jornalismo de qualidade. No entanto, nas redações onde o ritmo de

trabalho e a concorrência regem a atuação dos jornalistas, produzir notícias aprofundadas se torna uma missão quase impossível. Surge daí o espaço para o jornalismo investigativo e “[...] assume-se um quê de detetive, se foge das fontes oficiais e óbvias e buscam-se novos caminhos e fontes de informação alternativa” (RODRIGUES; JOSÉ, 2013, p. 2).

Lage (2020) explica que as investigações resultam em textos muito extensos para serem publicados nas páginas dos diários e por isso “costumam ser publicados [...] na forma de livros ou documentários em vídeo” (LAGE, 2020, p. 61). O autor considera que ao elevar a investigação a um produto como o livro o jornalista se permite explorar outras linhas de raciocínio na investigação, e estas podem revelar informações “[...] que, se não verdadeiras, pelo menos inquietam os bem pensantes” (LAGE, 2020, p. 61). Essa maior liberdade que é oferecida pelo livro também pode ser usada no levantamento de dados, busca por documentos oficiais, entrevistas a fontes anônimas, elementos que colaboram para a reconstrução mais completa quanto possível do fato investigado.

Lage (2020) diz que “o jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem” (LAGE, 2020, p. 61) e o caracteriza “[...] como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade [...]” (LAGE, 2020, p. 61). Pode-se compreender que o jornalismo investigativo é um defensor dos direitos humanos.

O jornalista caracteriza a produção de uma investigação em seis etapas ou pontos, como o próprio diz. Na primeira etapa ele revela que uma investigação pode ser desencadeada por “[...] pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias novas [...] ou a observação direta da realidade” (LAGE, 2020, p. 61). Assim, cabe ao profissional ter o *feeling* de perceber a conexão entre fatos e relacionar dados, como também confrontar versões que se desmentem.

Na segunda etapa Lage (2020) considera importante saber se a investigação é viável, “[...] se existem documentos disponíveis ou fontes que possam ser acessadas, se há recursos e tempo [...]” (LAGE, 2020, p. 61). No terceiro ponto abordado o autor revela que o jornalista deve estar familiarizado com a pauta a ser investigada e para isso deve realizar pesquisas extras e consultar outras fontes.

Para dar seguimento à investigação, Lage (2020) institui o quarto passo: estabelecer um plano de ação “[...] incluindo custos, métodos de arquivamento e cruzamento de informações etc” (LAGE, 2020, p. 61). O quinto passo é o momento de executar o plano, ouvir as fontes, consultar documentos, comparar dados e versões. Após a execução do plano a

sexta e última etapa é na qual deve-se “[...] reavaliar o material apurado e preencher os vazios de informação” (LAGE, 2020, p. 61). Feito isso o material está pronto para seguir para avaliação final e a partir daí ser publicado.

3 Jornalismo Literário - apuração e sensibilidade ao reportar

Weise (2013) constrói uma distinção entre o que é jornalismo de fato e o que é jornalismo sob influência da literatura. Referindo-se ao jornalismo puro, diz que “a prioridade é informação básica, essencial, fundamental à compreensão do que se quer noticiar” (WEISE, 2013, online). A jornalista considera que o prazo de entrega, o espaço disponível na página impressa e o próprio veículo de mídia são variáveis que interferem no tipo de conteúdo que é produzido. Estes fatores obrigam o profissional a se adequar e manter seu foco na missão primordial de informar o leitor (WEISE, 2013).

Sobre o jornalismo literário, Weise (2013) considera que o gênero “traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico” (WEISE, 2013, online).

De acordo com Pena (2006) o jornalismo literário é uma alternativa para aqueles que desejam fazer jornalismo de qualidade e comprometido com a sociedade. O autor apresenta seu conceito de jornalismo literário por meio de uma estrela com sete pontas, que definem os moldes do estilo, Pena (2006) diz que o mesmo

[...] significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Para conceituar as pontas da estrela, Pena (2006) explica cada uma separadamente. Quando cita que o jornalismo literário pode potencializar os recursos do jornalismo ele avalia que o jornalismo literário não nega a importância do que já se faz no jornalismo diário/factual e adapta os aprendizados do mesmo para que sejam utilizados da melhor forma ao construir uma narrativa literária. O segundo elemento está relacionado com os limites impostos pelo acontecimento cotidiano: ao escrever um livro o autor/jornalista tem mais espaço para produzir e maior tempo de criação. O produto que surge disso permanece para a posteridade

de forma que não possui compromisso com a novidade, mas sim com revelar uma realidade da forma mais abrangente que puder.

Na terceira ponta da estrela, Pena (2006) orienta proporcionar uma visão ampla da realidade, mas isso não significa que o produto do jornalismo literário tenha pleno conhecimento da pauta que trata, pois qualquer informação que nele contenha, por mais completa que seja, ainda será um recorte da realidade. O item quatro menciona o dever de exercer a cidadania, que está relacionado com a busca por fazer algo que seja relevante para a formação da sociedade e dos cidadãos.

A característica de número cinco sugere romper as correntes do lead. A técnica do lead é usada com o preceito de objetividade, e é certo afirmar que isso forneceu agilidade à imprensa, mas também resultou em uma nivelção nas notícias, uniformizando-as de maneira que os textos parecem todos saídos de uma forma. Para Pena (2006) “falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006, p. 17).

O sexto item aconselha evitar os definidores primários, ou seja, não procurar pelas mesmas fontes que são entrevistadas no jornalismo factual. O jornalismo literário busca por fontes que não seriam ouvidas pelo jornalismo convencional, pessoas anônimas, cidadãos comuns com alternativas e pontos de vista que talvez nunca foram abordados anteriormente.

Por fim, o autor cita a perenidade. Na avaliação dele, uma obra literária deve ser aprofundada e atemporal, o objetivo do jornalismo literário é a permanência no espaço-tempo. Para cumprir este objetivo deve ser construído de acordo com as múltiplas realidades que se apresentam em sociedade.

Pena (2006) considera que o jornalismo deveria ser uma profissão ligada às causas coletivas, mas percebe que tem se transformado em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização (PENA, 2006). O autor diz isso ao observar o jornalismo de qualidade perder espaço para revistas de fofoca, tabloides e até a grande mídia se entorpecendo em busca de patrocínio.

O autor alega que no jornalismo literário “o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2006, p. 15), isso se dá pelo objetivo maior que se tem ao produzir uma obra que envolve jornalismo e literatura. O empenho dedicado à produção não deve ser esquecido ligeiramente, mas deve ser aprofundado e atemporal.

Lima (2009) considera que no jornalismo literário “o autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada, a partir de uma tese prioritariamente esboçada. Sua missão é narrar organicamente, com o vigor da vida real [...] o que vê, sente, cheira, constata” (LIMA, 2009, p. 392). O autor aborda a importância de o profissional abandonar sua opinião e julgamentos para sair a campo e “[...] mostrar-se disposto a descobrir a realidade e compreendê-la até o limite máximo do que é possível” (LIMA, 2009, p. 392). Lima (2009) revela ainda que existe um pacto implícito entre o autor e o leitor das obras de jornalismo literário e explica que

O autor “[...] adota uma postura transparente. [...] O leitor aceita [...]. Prefere ler alguém cuja posição diante de um acontecimento lhe é apresentada com clareza, do que acompanhar um texto onde o autor fica em cima do muro, sem se posicionar, camuflado atrás de uma falsa postura impessoal” (LIMA, 2009, p. 393).

O objeto de análise desta pesquisa é resultado da combinação entre investigação e literatura, um livro-reportagem que ofereceu espaço e tempo para a autora se aprofundar nas investigações e dar ao texto a elegância que a literatura exige.

4 Livro-reportagem - a harmonia das palavras imperfeitas

O livro-reportagem é o espaço reservado a pautas que não conseguem ser desenvolvidas em profundidade nos periódicos diários. Este produto abre espaço para grandes produções originadas de pautas cotidianas. Lima (2009) ao delimitar o conceito de livro-reportagem julga que este “[...] é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). Explica ainda que a maior amplitude alcançada no livro-reportagem está relacionada ao grau de tratamento do tema, tanto na extensão do relato como no aprofundamento da pauta (LIMA, 2009).

Lima (2009) distingue o livro-reportagem dos demais tipos de livro por três condições: o conteúdo, o tratamento e a função. Em relação ao conteúdo, “[...] o objeto de abordagem de que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual” (LIMA, 2009, p. 27). O acontecimento ou situação sobre qual é construída uma narrativa deve ser real e verdadeiro.

Em relação ao tratamento, o autor diz que “o trabalho de montagem e edição [...] apresenta muitas vezes os mesmos recursos utilizados para a grande-reportagem nas publicações periódicas [...]” (LIMA, 2009, p. 28). Para Lima, “o livro-reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística [...]” (LIMA, 2009,

p. 28). A terceira característica do livro-reportagem é relacionada à função do produto, “[...] o livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar” (LIMA, 2009, p. 28). O autor explica que o livro-reportagem pode construir sua narrativa em diferentes gêneros jornalísticos e explica que

[...] o livro-reportagem pode trabalhar sua narrativa de uma maneira apenas extensiva — com horizontalização de dados e fatos, mas sem um salto verticalizador significativo [...] superior aos periódicos, cumprindo, desse modo, um trabalho que se poderia denominar muito próximo ao jornalismo informativo arredondado. [...] Pode partir para uma visão unilateral de uma questão, defendendo um conjunto de princípios definidos e dessa maneira praticar o jornalismo opinativo [...]. Pode exercer a abordagem multiangular de uma questão, à procura de sua variedade de causas e conseqüências, de diversificados pontos de vista a respeito, praticando desse modo o jornalismo interpretativo [...]. Pode praticar o chamado jornalismo investigativo, de denúncia (e que emprega recursos provenientes de qualquer uma das categorias clássicas do jornalismo) [...]. Pode também enveredar por uma categoria que foge ao contorno clássico do grupo onde se encontram as três categorias tradicionais, entrando pelo chamado jornalismo diversional [...] (LIMA, 2009, p. 29).

Após as definições e teorias apresentadas pelos autores referenciais desta pesquisa apresenta-se o objetivo de analisar tal objeto de estudo, o livro-reportagem *Cova 312*, que une em suas páginas elementos de investigação jornalística e narrativa literária.

5 Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo produzir uma análise da obra *Cova 312* devido às suas características investigativas e literárias, com objetivo de identificar e compreender como interagem concomitantemente os elementos dos estilos jornalísticos. Com autoria de Daniela Arbex, jornalista da Tribuna de Minas de Juiz de Fora (MG), reconhecida e premiada pelo seu trabalho em investigações e pautas relacionadas aos direitos humanos. Até o momento de escrita deste trabalho a autora já publicou quatro livros.

O livro *Cova 312* foi escrito por Arbex em 2015 com intenção de desvendar a história do gaúcho Milton Soares de Castro, falecido durante a ditadura militar, na Penitenciária Estadual de Linhares, Juiz de Fora (MG) em 1967. A versão oficial do fato era de que o militante teria cometido suicídio por enforcamento. No entanto, após investigações, a jornalista descobriu, por meio de documentos oficiais e depoimentos, que Milton morreu por causas não naturais em dependências do Estado.

A pesquisa se enquadra como descritiva, pois “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV, 2013, p. 52). A metodologia de análise desta pesquisa é a análise de conteúdo, a qual Herscovitz (2007) define como:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos [...] encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

Para construir a análise são eleitas categorias, com base na fundamentação teórica, que subsidiam o olhar do analista. Herscovitz (2007) explica que

[...] é preciso especificá-los com precisão, estabelecendo os indicadores [...], as dimensões [...] e os atributos [...] do que queremos medir, de modo que quem lê os resultados de uma análise de conteúdo conheça de antemão as categorias mutuamente exclusivas utilizadas pelo investigador (HERSCOVITZ, 2007, p. 132).

A análise será feita conforme as características elaboradas pelos autores escolhidos. Para categorizar o jornalismo investigativo Lage (2020) elabora seis etapas importantes da produção de uma pauta investigativa, são estas: como a investigação é desencadeada; viabilidade da produção; familiarização com o tema; plano de ação; execução; e reavaliação do material.

A análise proporcionada pelos conceitos de Lage (2020) ao jornalismo investigativo se dá de acordo com as etapas elaboradas pelo autor. No Quadro 1 estão elencadas cada etapa da produção, esclarecendo também o que se objetiva em cada uma delas:

Quadro 1: Conceitos do jornalismo investigativo

ETAPA DA INVESTIGAÇÃO	CONCEITO
1. Como a investigação é desencadeada	Uma investigação pode ser desencadeada por “pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias novas [...] ou a observação direta da realidade”.
2. Viabilidade da produção	Saber se a investigação é viável de ser elaborada, “se existem documentos disponíveis ou fontes que possam ser acessadas, se há recursos e tempo”.
3. Conhecimento do tema	O jornalista deve estar familiarizado com a pauta a ser investigada e para isso deve realizar pesquisas extras e consultar fontes.
4. Plano de ação	Estabelecer um plano de ação “incluindo custos, métodos de arquivamento e cruzamento de informações”.
5. Execução	Momento de ouvir as fontes, consultar documentos, comparar dados e versões.
6. Reavaliação do material	Etapla na qual deve-se “reavaliar o material apurado e preencher os vazios de informação”.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Lage (2020)

No jornalismo literário as características desenvolvidas por Pena (2006) serão utilizadas na análise do corpus, são elas: potencializar os recursos do jornalismo; proporcionar visões amplas da realidade; exercer a cidadania; romper as correntes burocráticas do lead; evitar definidores primários; e perenidade e profundidade dos relatos. Os conceitos elaborados por Pena (2006), e listados no Quadro 2, são as características buscadas na análise da obra sob o viés do jornalismo literário:

Quadro 2: Conceitos do jornalismo literário

ELEMENTO	CONCEITO
1. Potencializar os recursos do jornalismo	Adapta os aprendizados do jornalismo tradicional para que sejam utilizados da melhor forma ao construir uma narrativa literária.
2. Ultrapassar limites do cotidiano	O jornalismo literário não possui compromisso com a novidade, mas sim com revelar uma realidade da forma mais abrangente que puder.
3. Oferecer visões amplas do real	Apesar deste objetivo, qualquer informação, por mais completa que seja, ainda será um recorte da realidade.
4. Exercer a cidadania	Objetiva fazer algo que seja relevante para a formação da sociedade e dos cidadãos.
5. Romper o lead	No jornalismo literário não existe a necessidade de entregar o lead nos primeiros parágrafos, as informações podem ser diluídas ao longo do texto.
6. Evitar definidores primários	Evitar as mesmas fontes que são entrevistadas no jornalismo factual. Dar preferência para pessoas anônimas, cidadãos comuns com alternativas e pontos de vista novos.
7. Perenidade	Uma obra literária deve ser aprofundada e atemporal, o objetivo do jornalismo literário é a permanência no espaço-tempo.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Pena (2006)

A seguir, na apresentação dos resultados do estudo, serão eleitos trechos representativos de cada um dos estilos analisados na obra *Cova 312*, para tanto a análise será dividida em duas partes. A primeira tem como propósito encontrar no texto trechos que evidenciam a presença dos conceitos de Lage (2020) para o jornalismo investigativo. Após, a segunda parte da análise se dedica a explorar o texto em busca dos conceitos do jornalismo literário, elaborados por Pena (2006).

A maioria dos trechos retirados do livro para exemplificar as etapas da investigação jornalística e os conceitos do jornalismo literário foram retirados dos capítulos que a redação em primeira pessoa é utilizada. Devido a isto, os capítulos um, seis, 17, 18 e 19 são analisados em profundidade, e outros, onde a linguagem é narrativa, não são citados no texto de análise.

6 Análise da obra - evidências e marcas que constroem o enredo

A análise a seguir pretende avaliar de que forma as características de cada estilo surgem no decorrer da amostra, não com objetivo de identificar qual é mais evidente, mas sim, como são utilizadas para obter determinados resultados.

6.1 Evidências de uma investigação jornalística

De acordo com Lage (2020) uma **investigação pode surgir** de “pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias novas [...]” (LAGE, 2020, p. 61). Apesar da redundância, compreende-se pela expressão “notícias novas” que as investigações sejam desencadeadas por desdobramentos ou revelações. É o caso do livro *Cova 312*, no qual a investigação se deu a partir de uma notícia publicada no jornal Tribuna de Minas:

Foi quando uma notícia publicada na editoria de política chamou minha atenção: “A Comissão Estadual de Indenização às Vítimas de Tortura, que determina o pagamento de indenização às vítimas de tortura praticadas pelos agentes do estado no período da ditadura, está analisando os requerimentos mineiros (...)” Fiquei hipnotizada por aquela notícia. [...] Além disso, alimentava o desejo quase secreto de fazer algo relacionado a esse período da história [...]. Queria dar minha contribuição como jornalista, mas não sabia de que maneira (Cova 312, 2019, p. 70).

Outro momento em que se revela o desencadeamento da investigação está em uma informação revelada à jornalista, por telefone, pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, deputado Nilmário Miranda:

*— Nilmário? Oi, é Daniela, de Juiz de Fora.
— Oi, Daniela, tudo bem por aí? [...]
— A única pessoa que eu sei que foi encontrada morta na penitenciária foi o Milton, da guerrilha do Caparaó. O Exército divulgou o caso como suicídio. [...] Conversamos mais um pouco, porém eu tinha certeza de ter encontrado a tal história que o PC havia falado: iria achar o corpo do Milton (Cova 312, 2019, p. 72).*

A **viabilidade da produção**, segunda etapa colocada por Lage (2020), não possibilitou que Arbex tivesse condições ideais para a investigação, tanto que ela relata a dificuldade que teve para conseguir acesso ao Presídio Regional de Juiz de Fora: “Apesar da proximidade com o edifício principal, o interior continuava blindado. Um último portão bloqueava a passagem. Lá dentro, era proibido chegar perto das portas que davam acesso ao corredor principal”

(Cova 312, 2019, p. 16). Outro trecho da mesma situação revela o tempo que a jornalista teve de esperar até conseguir liberação para acessar o prédio: *“Um par de meses havia se passado desde o início da negociação junto ao governo de Minas Gerais para o acesso à construção que saiu do papel, às pressas, em janeiro de 1966, seis meses depois de ter sido projetada”* (Cova 312, 2019, p. 18).

Além de ter recursos que possibilitem a execução de uma pauta é importante que o profissional tenha apoio do veículo de imprensa. É o caso que ocorre com a autora e seu editor chefe Paulo César Magella (PC): *“A aprovação do PC era importante para mim. Não só pelo fato óbvio de ele ser o meu chefe, mas por apoiar minhas ideias, embora ele diga aos quatro cantos que eu sou a responsável pelos seus cabelos brancos”* (Cova 312, 2019, p. 74).

A distância entre repórter e fontes foi um elemento que prejudicou as entrevistas, que acabaram sendo realizadas pelo telefone: *“Comecei pela localização dos amigos de Milton Soares de Castro [...]. Antes, porém, teria que encontrar, por telefone, seus parentes, já que o jornal não dispunha de recursos para uma viagem a Porto Alegre”* (Cova 312, 2019, p. 75). No próximo trecho fica claro o motivo de as entrevistas via telefone não serem tão precisas quanto entrevistas presenciais: *“Foi uma conversa difícil. Gessi não se mostrou acessível às perguntas. [...]. A distância impedia uma conversa olho no olho. Portanto, em meu pré-julgamento, achei que ela havia sido seca. Mais tarde, fui perceber que estava errada”* (Cova 312, 2019, p. 80)

Apesar de alguns fatores contra a produção de Arbex alguns outros trabalharam a favor, viabilizando sua investigação, no trecho a seguir, por exemplo, situação na qual ela tem ajuda de um profissional: *“Com o apoio de Robson Sávio, o cientista social de Belo Horizonte que coordenava a comissão estadual de indenização, eu já havia começado a localizar os militantes da cidade que entraram com pedido de reparação”* (Cova 312, 2019, p. 80).

A viabilidade da produção citada por Lage (2020) se refere também aos documentos disponíveis para pesquisa bibliográfica. No trecho a seguir Arbex encontra um documento que estava disponível para consulta, o livro de óbitos de 1967, no Cemitério Municipal de Juiz de Fora: *“O livro indicava o número de ordem gerado no cemitério: 20.801. Apontava, ainda, a hora do falecimento: oito horas da manhã. E data e hora do sepultamento: duas horas da tarde do dia 29 de abril”* (Cova 312, 2019, p. 217). Também foi encontrada pelo funcionário do cemitério a guia para enterro de Milton Soares de Castro. A documentação apresentava informações contraditórias àquelas que constavam no registro de óbito:

O documento indicava, equivocadamente, o enterro de Milton no cemitério de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com uma correção de local feita logo em seguida: “Será sepultado no cemitério Nossa Senhora Aparecida, em Juiz de Fora”. A data do óbito estava rasurada. Primeiro aparece como 27 de abril de 1967, mesmo dia do seu interrogatório. O dia é corrigido para 28 de abril e o número oito escrito em cima do sete” (Cova 312, 2019, p. 218).

A terceira etapa sugerida pelo autor na produção de uma investigação jornalística é a **familiarização com o tema**. Esta característica pode ser encontrada na obra em um momento no qual a autora demonstra sua ansiedade para produzir a matéria e se adianta nos estudos sobre a pauta: *“Passei a noite em casa pesquisando sobre o assunto que já considerava meu”* (Cova 312, 2019, p. 72). Outro momento de pesquisa bibliográfica é a procura de Arbex, em seus próprios materiais que reuniu durante os anos de profissão:

Desliguei o telefone e fui ao meu armário, onde guardava documentos de matérias, todos os milhares de blocos de anotações, desde o primeiro, e os livros. Foi fácil encontrar o do Nilmário. Fui direto ao índice da primeira edição que é de 1999. [...] Foi ali que soube que Milton Soares de Castro nascera no Rio Grande do Sul e que foi tido como suicida em 1967. A publicação de Nilmário lançava dúvidas sobre a versão do exército [...]” (Cova 312, 2019, p. 73).

Durante as investigações a autora pede auxílio a um perito profissional para chegar a um resultado preciso: *“Enquanto eu ouvia os guerrilheiros e suas versões, decidi pedir ajuda a um perito criminal para analisar o laudo pericial 2.103 do Departamento de Polícia Técnica. Tratava-se da perícia realizada na cela onde Milton foi encontrado supostamente enforcado”* (Cova 312, 2019, p. 245). Pode-se perceber que ao encontrar dilemas os quais a autora não consegue resolver sozinha decide pedir que um profissional de área o resolva, neste caso foi eficiente para oferecer um resultado isento e correto sobre uma prática que ela não dominava.

Após encontrar um fato sem explicações contundentes, que evidenciava muitas lacunas e um corpo desaparecido, a investigação de Arbex deu início a dois objetivos que exigiam um **plano de ação** consistente, conforme orienta Lage (2020), por isso a autora decidiu: *“[...] levantar o que se passou com o único civil da guerrilha do Caparaó até o momento de sua morte e localizar os militantes da cidade que haviam pleiteado reparação junto à Comissão Estadual de Indenização às Vítimas de Tortura”* (Cova 312, 2019, p. 75).

Outro momento em que a autora traça um plano para seus próximos passos é quando ela obtém informações sobre o paradeiro do corpo de Milton Soares de Castro: *“Uma das providências era pedir a segunda via da certidão de óbito do guerrilheiro no cartório. [...]”*

Também precisava ligar para os familiares de Milton para dar a notícia e fotografar a cova” (Cova 312, 2019, p. 220).

A quinta etapa da investigação jornalística segundo Lage (2020) é a **execução do plano de ação** e para iniciar a investigação a autora conta que: “[...] *telefonei para o 23º andar da rua dos Guajajaras, em Belo Horizonte, onde a comissão estadual de indenização às vítimas de tortura estava funcionando. Pedi para falar com o coordenador, o cientista social Robson Sávio Reis Souza*” (Cova 312, 2019, p. 71).

Apesar de a própria autora revelar que não cogitava procurar pelo corpo de Milton no cemitério, por considerar um local óbvio, mesmo assim fez uma visita. “*Até que no fim da tarde do dia 17 de abril, uma quarta-feira, resolvi ir até o Cemitério Municipal de Juiz de Fora*” (Cova 312, 2019, p. 215). O episódio marcou a investigação da escritora, que foi ao local à procura dos livros de registro dos óbitos de 1967.

Outro trecho em que a autora conta sobre suas pesquisas em documentos, executando seu plano de investigação, é quando sua fonte, Gilney Amorim Viana, Assessor da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em 2014, revela a existência de um inquérito instaurado pelo exército no dia da morte de Milton. A fonte cedeu 39 páginas de cópias da documentação, mas ela considerava mais importante encontrar o restante dos papéis e preferencialmente os originais, por isso, relata que:

“Continuei as buscas no arquivo morto da Polícia Civil. [...] Também pesquisei no arquivo da Auditoria Militar, em Juiz de Fora [...]. [...] no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte. Nas dezenas de livros que li sobre a ditadura, não havia detalhes sobre esse inquérito” (Cova 312, 2019, p. 243).

A sexta e última etapa de produção de uma investigação jornalística, elaborada por Lage (2020) é a **reavaliação**, que pode ser encontrada no trecho a seguir:

“Com a matéria sobre a história de Milton Soares de Castro pronta, teve início a etapa da leitura coletiva. Cópias foram entregues ao PC, a Denise, a Lilian Pace, a chefe de reportagem, e a Marise Baesso, editora de Geral, outras duas grandes parceiras nesses vinte anos de trajetória na Tribuna” (Cova 312, 2019, p. 227).

Com registros das seis etapas de Lage (2020) demonstrados em trechos da obra *Cova 312* é possível comprovar que a missão de encontrar o corpo de Milton Soares de Castro, desaparecido por mais de 30 anos, pode ser considerada uma investigação jornalística, a partir do referencial estudado, que foi realizada pela jornalista e escritora Daniela Arbex com maestria, mas não sem adversidades.

6.2 Marcas literárias na construção da narrativa

Para Pena (2006) o jornalismo literário não nega que os aprendizados do jornalismo factual são importantes, tanto que o autor aponta que este tipo de texto deve **potencializar os recursos do jornalismo**, e por isso os utiliza para tecer suas construções narrativas. Algumas obrigações sociais são atribuídas aos profissionais de comunicação, entre elas as denúncias. Neste trecho Arbex conta sua visita à Penitenciária, que foi solicitada pelos apenados: “*De um lado estava a jornalista, do outro uma massa humana silenciada. Os confinados sabiam que a ousadia da queixa não seria perdoada*” (Cova 312, 2019, p. 18).

A autora conta que teve de fazer uma visita de cortesia a uma fonte antes de tocar no assunto que lhe interessava desde o início. No jornalismo é essencial conquistar a confiança de quem possui as informações, como no trecho a seguir:

Assim, cheguei ao professor do Departamento de Geografia da UFJF, Antônio Rezende Guedes. Fui recebida por ele na casa onde morava no bairro Santos Dumont. [...] A primeira conversa foi de apresentação. Ouvi um monte de coisas sobre astronomia, a paixão dele, e sobre ocultismo. Saí de lá sem tocar no período da militância e acertando uma volta para a semana seguinte. Quando retornei, Antônio estava muito mais receptivo. Contou detalhes sobre sua participação política. Naquele dia, comecei a entender melhor a dimensão de tudo aquilo e a resistência inicial que muitos tiveram em me receber (Cova 312, 2019, p. 80).

Recurso muito utilizado no jornalismo factual, a fotografia tem poder de mostrar situações e comprovar fatos, e no caso da obra de Arbex foi utilizada de forma muito eficaz. A autora utilizou imagens de arquivos, documentos e das pessoas envolvidas nos fatos. Essas imagens estavam disponíveis nas documentações referentes ao caso da morte de Milton Soares de Castro. A repórter também utilizou o recurso das fotografias para registrar suas fontes e a própria cova onde estava o corpo, como mostra o trecho: “*No dia seguinte, esperei o cemitério abrir. Na companhia do fotógrafo Henrique Viard, comecei a procurar a quadra L*” (Cova 312, 2019, p. 220).

Arbex conta que aprendeu a fazer uma boa investigação com sua editora-executiva Denise Gonçalves: “*O modo de agir de Denise foi muito importante para que eu me tornasse, de fato, uma jornalista investigativa*” (Cova 312, 2019, p. 226). Ainda relata de que formas realiza suas investigações, influenciada pela chefe: “*Depois desse trabalho, minuciosamente supervisionado por ela, aprendi a percorrer cartórios, varas judiciais e instituições públicas no processo de garimpagem das informações*” (Cova 312, 2019, p. 226).

No trecho a seguir Arbex descreve como utiliza o método de entrevista para se aproximar da fonte e facilitar o encontro com a informação:

Depois de três horas de entrevista e dois bifés com batatas fritas, ele já se considerava um velho conhecido. — Ai, não. Atravessar o samba assim, não — disfarçou, diante de uma pergunta que não queria responder. Ao tentar desfazer uma confusão minha em relação ao período, disparou: — Não, besta. Isso foi assim — disse com o sotaque mais cantado que já ouvi (Cova 312, 2019, p. 240).

Outro trecho que exemplifica o uso dos recursos do jornalismo é: “*Confirmei a minha suposição ao seguir adiante nos depoimentos*” (Cova 312, 2019, p. 250), situação na qual é perceptível que a jornalista estava colhendo depoimentos para sua pesquisa, material este que se mostrava contraditório entre as versões das fontes. A “suposição”, citada pela escritora foi de importância significativa, é o *feeling* que os jornalistas devem ter para identificar situações suspeitas e iniciar ou continuar suas investigações.

Ao abordar a construção de um novo espaço prisional que foi projetado para receber presos comuns, mas acabou por recolher presos políticos, devido ao regime ditatorial instituído no país, a autora **ultrapassa os limites do cotidiano**, revelando a fragilidade do sistema carcerário, que não tinha instalações apropriadas para receber tantos apenados:

“Um par de meses havia se passado desde o início da negociação junto ao governo de Minas Gerais para o acesso à construção que saiu do papel, às pressas, em janeiro de 1966, seis meses depois de ter sido projetada. O Estado tinha o objetivo de custodiar naquele espaço presos comuns, mas a finalidade da unidade foi desviada por conta do regime de exceção que se instalou no país a partir de 1964” (Cova 312, 2019, p. 18).

Em um telefonema com uma fonte é revelada à autora uma situação que ainda se faz presente atualmente: “*Esse regime de abuso e autoridade desgraçou uma geração inteira. Muitos de nossos companheiros enlouqueceram. Tive a vida estraçalhada e sinto que sou marginalizado até hoje [...]*” (Cova 312, 2019, p. 81). Os regimes governamentais não são os mesmos, apesar disto as oportunidades e tratamento, tanto do sistema quanto da sociedade, para ex-detentos ainda é de discriminação.

Em comentário sobre o suposto suicídio de Milton, seus irmãos, Gessi e Edelson, relatam o sofrimento da família perante a dúvida sobre o que tinha ocasionado sua morte:

“O que fizeram com o Milton não se faz nem com um bicho. Ele tinha um ideal, queria mudar o país. Quando soubemos de sua morte, lutamos por muito tempo para que o exército nos entregasse seu corpo. Não tivemos o direito de velar nosso irmão”, disse, chorando. Edelson mostrou-se igualmente comovido. “Minha mãe sofreu muito com a morte do Milton. Todos nós ficamos marcados. Tínhamos um

lema, uma convicção. Ele jamais se mataria. Meu irmão cumpriu seu papel perante o Brasil” (Cova 312, 2019, p. 224).

Situações como esta podem ser acompanhadas diariamente nos telejornais. Famílias que perdem entes por causa do tráfico, por violência, por atuação de milícias e nunca mais têm notícias dessas pessoas. Sinal de que alguém, quer sejam instituições ou chefes do tráfico e comandantes do crime, quer esconder algo, como foi o caso de Milton.

A violência aos profissionais de comunicação é citada pela autora em um momento onde o Brasil é o líder das Américas em execuções de jornalistas, com cinco casos, segundo a organização Repórteres Sem Fronteiras. *“O Comitê para a Proteção de Jornalistas (CPJ) afirma que a falta de punição para os autores dos crimes coloca o país entre os mais perigosos do mundo para jornalistas”* (Cova 312, 2019, p 235). Casos de agressão a jornalistas ainda são observados atualmente em situações diversas, inclusive ao vivo em redes de televisão.

No trecho a seguir a autora apresenta dados e faz uma breve crítica sobre a falta de transparência em relação aos anos de regime ditatorial no país, alegando a demora que se teve em começar a investigar os acontecimentos e responsabilizar os culpados, trecho que se encaixa no conceito de Pena (2006) que objetiva ultrapassar os limites do cotidiano, revelando, como no caso do texto estudado, a lentidão que existe no sistema devido à burocracia:

Somente em 2011, o Brasil instituiu uma política pública em prol da memória das vítimas com a criação da Comissão Nacional da Verdade. A partir de 2012, examinou as violações de direitos humanos cometidas não só durante a ditadura militar, mas entre 1946 e 1988, período entre as duas constituições democráticas brasileiras. O relatório final indicou a participação de mais de 300 agentes públicos e pessoas a serviço do estado com envolvimento nos casos de violação, apontando 434 mortos e desaparecidos políticos no Brasil (Cova 312, 2019, p. 273).

Segundo Pena (2006) o jornalismo literário deve oferecer uma **visão ampla da realidade**, e este conceito pode ser percebido no trecho a seguir, que além de alertar para o risco de ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino também aborda a questão da superlotação do sistema carcerário e rebeliões violentas:

Tentei não pensar nos riscos de ser a única mulher a entrar em um local onde havia 180 homens confinados em um espaço projetado para atender a metade. No passado recente, as condições desumanas já haviam, inclusive, transformado o local em palco de rebelião, quando mais de quarenta pessoas foram feitas reféns (Cova 312, 2019, p. 16).

Em outro trecho do mesmo capítulo a revelação é sobre o severo controle de visitas à Penitenciária Estadual de Linhares, mas também dá a ideia de que em todas as unidades prisionais houve restrições: *“Nenhum presídio político do país foi tão rigoroso quanto Linhares em relação ao cerceamento de visitas feitas por parentes dos presos”* (Cova 312, 2019, p. 20). Arbex cita o Rio Grande do Sul em: *“Levou um tempo para que o estado com tradição em resistência se envolvesse no clima de levante que tomou o Brasil”* (Cova 312, 2019, p. 33). Nesta passagem é perceptível que o estado já possuía histórico de oposição ao restante do país, como aconteceu na Revolução Farroupilha (1835 - 1845), por exemplo.

Arbex mostra em seu livro uma realidade de equívocos, crueldade e desleixo. Na situação de Rogério Avelino Brandão erros em sequência lhe roubaram a liberdade e a sanidade: *“Era a primeira vez que eu falaria com o homem que trabalhava no Correio quando foi, equivocadamente, confundido com um subversivo. [...] Passou cinco anos internado em hospitais psiquiátricos para fugir do cárcere, embora tivesse vivido horrores piores do que os da cadeia”* (Cova 312, 2019, p. 83).

Este trecho demonstra um descuido grave do sistema em relação aos cidadãos, Rogério foi identificado erroneamente como uma pessoa que não era e isso lhe possibilitou conhecer a realidade doentia dos hospitais psiquiátricos. A própria autora escreveu um livro sobre os horrores do Hospital Colônia, de Barbacena MG, onde os pacientes não tinham o mínimo de infraestrutura para sobreviver, nem alimento.

A autora, em entrevista com o cirurgião Nelson Fernandes Oliveira, obtém a seguinte declaração: *“- Esse negócio de milico e movimento revolucionário, não abro a boca para ninguém [...]”* (Cova 312, 2019, p. 224). Fica evidente a situação de desconforto e medo que se instalou na vida de pessoas que foram testemunhas do período ditatorial no país, evitando, mesmo muitos anos depois, tocar no assunto.

Por fim, uma reviravolta na história política do país: *“A vitória do Partido dos Trabalhadores marcou a chegada da esquerda ao poder, após a terceira disputa presidencial de Lula. Depois de quase quarenta anos do golpe militar, a eleição do ex-operário representava a ascensão política de um líder popular”* (Cova 312, 2019, p. 237). O mandato de Lula, líder do PT durou 11 anos, sendo sucedido por Dilma Rousseff, também representante do Partido dos Trabalhadores.

O objetivo de **exercer a cidadania**, uma característica do jornalismo literário no entendimento de Pena (2006), surge no livro *Cova 312* no momento em que Nilmário

Miranda, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, faz a seguinte declaração: “*Cada vez que se descobre um militante desaparecido é que a gente vê que isso poderia acontecer com todas as famílias. A Tribuna fez um trabalho histórico [...]*” (Cova 312, 2019, p. 230), além de outros momentos já citados anteriormente.

A investigação de Arbex fez o papel de devolver aos ex-militantes a cidadania, pois: “*Os membros da comissão estadual declararam que os documentos que eu tinha levantado sobre cada um dos presos políticos haviam ajudado a instruir parte dos vinte e três processos abertos por juiz-foranos contra o Estado*” (Cova 312, 2019, p. 236). Os ex-presos políticos de Minas Gerais, que solicitaram reparação ao estado, tiveram apoio na investigação feita pela jornalista, influenciando diretamente no resultado dos processos.

Também pelo seu trabalho como investigadora, teve papel fundamental no esclarecimento de uma morte sem justificativas:

Em 2007, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, ligada à Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, publicou na página setenta e sete do livro Direito à Memória e à Verdade, uma nova versão para a morte de Milton, tendo como base a investigação que empreendi. A relatoria concluiu que o guerrilheiro “teve efetivamente participação em atividades políticas, tendo sido preso em consequência desta atividade, vindo a falecer por causa não natural, em dependência policial (Cova 312, 2019, p. 239).

Com este exemplo, entende-se que o trabalho dos jornalistas é maior do que se vê diariamente, e que sim, pode influenciar a resolução, com provas, documentos e depoimentos, uma situação que estava finalizada há muito tempo, mas sem explicações plausíveis.

Como já citado, segundo Pena (2006) o jornalismo literário **não precisa revelar o lead nas primeiras linhas do texto**, como acontece no jornalismo factual. Exemplo disso pode ser encontrado na obra em um trecho que se revela o motivo de a Penitenciária de Linhares ser importante para a investigação, pois apresenta “quem” esteve preso “onde”, elementos essenciais que compõem o lead, mas não estão nas primeiras páginas:

Cenário de um dos mais bem guardados segredos do exército, Linhares foi ainda o cárcere do guerrilheiro do Caparaó Milton Soares de Castro, vinte e seis anos. Natural de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Milton é o único prisioneiro encontrado morto dentro do complexo em 1967. Após a sua morte — ocasionada por suicídio segundo a versão oficial — a Galeria A tornou-se parte de um importante quebra-cabeças cujas peças estavam espalhadas pelo país. (Cova 312, 2019, p. 21).

Em outra parte do texto o “por quê” é apresentado quando a autora se refere à motivação da prisão de Milton na Penitenciária de Linhares:

“Dezesseis guerrilheiros do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) foram os primeiros levados para lá. Eles haviam sido capturados na Serra do Caparaó, localizada entre o Espírito Santo e Minas Gerais. [...] Só se falava nos “traidores da Pátria” e no risco que eles representavam” (Cova 312, 2019, p. 18).

Pena (2006) orienta **evitar os definidores primários**, pode-se entender disso que o ideal no jornalismo literário é procurar por fontes anônimas, pessoas comuns. No trecho a seguir, a autora se refere a uma situação ocorrida dentro da penitenciária, quando os presos comuns, “[...] acusados de agressão, homicídios e outros crimes [...]” (Cova 312, 2019, p. 51) iniciaram uma discussão se Capitu traiu mesmo Bentinho, do clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis. Quem relata o ocorrido é Araken Vaz Galvão, também prisioneiro político de Linhares: *“Para mim, foi a consagração de Machado de Assis, tantos anos depois de sua morte. Os caras, usando um linguajar chulo, grosseiro, vulgar, para defender o enigma da Capitu”, relembra, às gargalhadas, o ex-guerrilheiro*” (Cova 312, 2019, p. 52).

Outras fontes utilizadas pela autora são os próprios familiares de Milton Soares de Castro: *“Acabei ouvindo sobre a militância de Edelson e ouvi, pela primeira vez, sobre a existência da irmã deles, a Gessi Palmeira Vieira”* (Cova 312, 2019, p. 77). Outra fonte anônima da autora foi o motorista de ônibus Gregório Mendonça, companheiro de Milton na prisão e um dos últimos a vê-lo com vida. A autora afirma que: *“A entrevista de Gregório, no entanto, dava peso à reportagem, pois ele também tinha uma história de resistência ao regime”* (Cova 312, 2019, p. 79).

A **perenidade**, citada por Pena (2006), é abordada em um trecho que revela a necessidade de mais investigações sobre uma época sombria vivida no país e de certo modo ainda sem justiça para milhares de cidadãos, *“por isso, a ditadura precisa ser lembrada. Não para falar mais do mesmo, mas para que se possa avançar no levantamento dos casos e na luta pela abertura eficiente e efetiva de nossos arquivos”* (Cova 312, 2019, p. 273).

No decorrer do presente estudo foi percebido mais claramente a forma como o objeto de análise é dividido, não em metades iguais, mas sim em dois tipos de redação. A mais utilizada é a narração dos acontecimentos ocorridos à época sobre a qual se debruçam as investigações, não aparecendo nestes capítulos nenhuma etapa de investigação.

O segundo tipo de redação utilizado pela autora é a escrita em primeira pessoa, ela se coloca em evidência para relatar sua investigação sobre a morte e desaparecimento de Milton Soares de Castro. Apesar de a escrita em primeira pessoa ser mais interessante, do ponto de vista jornalístico - onde pode-se verificar de fato como foi o processo de investigação - não é esta que predomina durante o livro, ao contrário disto, é utilizada em apenas cinco capítulos, de 19 ao total. Por este motivo os capítulos analisados são o um, seis, 17, 18 e 19.

A escolha da obra de análise se fez por ser perceptível o uso da voz autoral da escritora, elemento que possibilita identificar as etapas da investigação elaboradas por Lage (2020), construindo assim um *making off* da investigação.

As etapas da investigação jornalística segundo Lage (2020) são seis, apesar de todas serem importantes foi identificado mais amostras da segunda etapa, viabilidade da produção, com oito trechos retirados do objeto. Em seguida aparecem a terceira etapa, familiarização com o tema, e a quinta, execução, empatadas com três trechos identificados. A primeira etapa, desencadeamento da investigação, e etapa quatro, plano de ação, surgem com dois exemplos cada uma. Por fim, a sexta etapa, de reavaliação, apresenta apenas um trecho.

As sete características que compõe o conceito de Pena (2006) para o jornalismo literário surgem com exemplos retirados da obra na seguinte ordem: conceito um, potencializar os recursos do jornalismo, com sete exemplares, em seguida o conceito três, oferecer visões amplas da realidade, surge com seis trechos. O conceito dois, ultrapassar os limites do cotidiano, revela cinco amostras do texto e os conceitos quatro, exercer a cidadania, e o seis, evitar os definidores primários, ficam empatados com três fragmentos cada um. A seguir o conceito cinco, romper o *lead*, apresenta dois trechos e o conceito sete, reavaliação, mostra apenas um. Ao todo, a análise identificou 46 trechos da amostragem que se enquadram em uma etapa de investigação jornalística ou como um elemento literário em jornalismo.

Considerações finais

A presente análise da obra *Cova 312* teve como objetivo localizar no corpus as etapas do jornalismo investigativo de Lage (2020) e as características do jornalismo literário segundo Pena (2006). A metodologia foi a análise de conteúdo, com amostragem de cinco capítulos pertinentes para a análise a qual me dispus devido ao modo de escrita adotado pela autora do livro, Daniela Arbex.

A pesquisa contribui com os estudos de livros reportagem de maneira significativa, oferece uma visão ampla de como o texto foi construído, com elementos de narração literária que abrem os olhos para a inspiração. Aborda ainda questões em evidência no jornalismo atualmente, como o jornalismo investigativo, do qual se tem exemplos locais de sucesso, como o Grupo de Investigação (GDI) da RBS TV.

A análise limitou a amostragem aos cinco capítulos de narração da investigação, deixando de fora a maior parte da obra, que não se enquadra no objetivo deste artigo. Mesmo com um recorte significativo a amostra ainda permanece numerosa, mais de 70 páginas.

A necessidade de um recorte possibilitou que a análise fosse focada nos elementos estabelecidos. Apesar disto, o conteúdo que teve de ficar fora desta pesquisa merece seu próprio espaço de análise, considerando suas características, o método de captação de informações e sua rica contribuição para um episódio histórico do país. O conteúdo ainda não analisado poderá ser objeto de um estudo posterior.

Produzir esta pesquisa foi um processo de grande aprendizado pessoal. Compreender a forma de produção de uma investigação jornalística sobre uma temática tão relevante é desafiador e estimulante pelo seu valor histórico e político. O jornalismo literário, como sempre, tem o poder de informar de maneira cativante e admirável. As palavras utilizadas para expor os acontecimentos são a ferramenta ideal para demonstrar a beleza que existe em contar histórias.

Perceber a luta de uma geração inteira por um país livre da censura e do autoritarismo relembra o poder dos jornalistas em contribuir na luta civil e política por liberdade de expressão e de pensamento, voltando ao seu princípio mais valoroso que é o direito de informar.

Referência bibliográficas

- ARBEX, Daniela. *Cova 312*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2019.
- HERSCOVITZ, Heloisa G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Orgs.). *Metodologia da pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística*. [S. l.]: Record, 2020. Disponível em: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2020.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri: Manole, 2009. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520442340/cfi/5!/4/4@0.00:21.1>>. Acesso em: 02 set. 2020.

NASCIMENTO, Solano. *Os novos escribas: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial Ltda, 2010. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=mGUUDAAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT1>>. Acesso em: 12 set. 2020.

NORONHA, Mariana Galvão; ROCHA, Paula Melani. A reportagem investigativa e suas especificidades: o processo de produção pela perspectiva dos (das) jornalistas. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 135-151, 13 jun. 2018. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12316/209209210031>>. Acesso em: 13 set. 2020.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1220/epub/0?code=6yVndKVk/J8mRafrrG6Vld2UMCNC6ihfwVQ7WOwD/czPHsvdRvDKJQuleRXJhHCLpRXsRWKaXa9vE0uBwrfqw==>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>>. Acesso em: 26 set. 2020.

RODRIGUES, Nádia Ramirez; JOSÉ, Anna Julia Bitelli. Jornalismo Investigativo Online e Reportagem Através do Computador: RAC - Novas Ferramentas de Investigação. In: XX PRÊMIO EXPOCOM – EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 20, 2013, Bauru. *Anais...* Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/expocom/EX38-0738-1.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus Editorial, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=SfCC_dT6mpIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 set. 2020.

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. *Observatório da Imprensa*, 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 31 de ago. de 2020.